

## DICIONÁRIOS ELETRÔNICOS *ONLINE*: UM ESTUDO DOS APECTOS MULTIMODAIS

Aluizio Lendl  
(UERN)  
[lendl.b3@gmail.com](mailto:lendl.b3@gmail.com)

**RESUMO:** Neste artigo, tem-se como objetivo central explorar a composição verbo-imagética da organização interna da microestrutura de verbetes eletrônicos *online* ilustrados. Fundamenta-se nos estudos que relaciona lexicografia teórica, tecnologias e multimodalidade, na base dos estudos de Pontes (2009), Welker (2008) e Kress e van Leeuwen (2006). Priorizou-se a natureza qualitativa e uma análise de cunho exploratória do *Merriam-Webster: visual dictionary online*. A amostra do *corpus* recordado, selecionada para este artigo, contempla o exame de três verbetes retirados do referido dicionário. Os resultados apontam que dicionários visuais eletrônicos *online* possuem organização interna complexa, capaz de estabelecer relações multimodais sinérgicas e diversas, muito diferente das possibilidades de dicionários impressos.

**Palavras-chave:** Dicionários eletrônicos; Multimodalidade; Lexicografia eletrônica

**ABSTRACT:** *The central objective in this article is to explore the image-text composition of the internal organization of the microstructure of electronic illustrated online entries. It is based on studies that relate theoretical lexicography, technologies and multimodality, based on the studies of Bridges (2009), Welker (2008) and Kress and van Leeuwen (2006). The qualitative nature and an exploratory Merriam-Webster analysis were prioritized: visual dictionary online. The sample of the corpus recalled, selected for this article, contemplates the examination of three entries taken from said dictionary. The results point out that electronic online dictionaries have complex internal organization, capable of establishing synergistic and diverse multimodal relations, very different from the possibilities of printed dictionaries.*

**Keywords:** electronic dictionaries; multimodality; electronic lexicography

### 0. Introdução

Muitos estudiosos e pesquisadores que se dedicam aos estudos lexicográficos já nos mostraram que a elaboração de um dicionário exige a participação de uma equipe de dicionaristas qualificados para operar essa produção a partir de procedimentos que há muito estão consolidados. Os lexicógrafos precisam conhecer bem a língua a ser dicionarizada e, conforme Biderman (1984), ter uma ampla leitura do seu patrimônio literário e cultural de todas as épocas, principalmente no caso de idioma de longa tradição cultural como é o caso do português.

Essas observações são muito relevantes até hoje, uma vez que a organização interna dos dicionários, de modo geral, permanece engessada. Como parece ser consenso, é preciso saber que a estrutura interna de um dicionário precisa seguir uma megaestrutura, macroestrutura, médioestrutura e microestrutura padronizadas. Cada um desses campos estruturais estabelece as especificidades de um dicionário. Acrescentamos a isso as diferenciações das informações tipográficas entre dicionários, dado que tem sido alterado à medida das inserções intersemióticas nessas obras.

No caminho das transformações semiótica deste século, não é difícil perceber que os dicionários têm reunido novos aspectos tipográficos, como as imagens, sons e *links*. Recursos que parecem não ter recebido a devida atenção pelos estudos metalexográficos.

Dois trabalhos merecem destaque acerca da relação que construíram entre lexicografia e multimodalidade. O primeiro é a tese de Araújo (2018), que analisa as características, o potencial e o uso do dispositivo eletrônico bilíngue *offline* - QUICKTIONARY@TS, levando em consideração os aspectos de sua função e informações multimodais voltadas para a atividade bilíngue. O segundo é a tese de Nascimento (2018) que, sob outra perspectiva, investiga os significados potenciais construídos pela tipografia e pela cor, a partir da relação multimodal imagem-texto, em dicionários escolares do tipo 2.

Partindo dessas observações, esses trabalhos não chegaram a analisar o potencial visual de verbetes, mas mostraram ser esse caminho relevante

para estudos que busquem traçar padrões de investigações para as obras com esses novos planos organizacionais. Nesse contexto, este trabalho busca contribuir com a área de estudos que contempla a relação entre lexicografia-multimodalidade-tecnologias, cujo objetivo é compreender a natureza desse evento comunicativo, explorando como dicionários ilustrados e eletrônicos organizam sua microestrutura afim de promover a compreensão do verbete.

Esse artigo, portanto, organiza-se, além desta introdução, pela composição de uma breve explicação sobre lexicografia e dicionários, sobre as concepções teóricas básicas sobre multimodalidade, a metodologia norteadora da pesquisa, as análises dos verbetes selecionados e, por fim, os nossos achados e constatações.

## **1. Lexicografia e dicionários eletrônicos**

A lexicografia é uma das disciplinas que estuda o léxico, que tem base na lexicologia. Para Birdeman (2001) a Lexicografia é uma atividade antiga e tradicional, sendo considerada a ciência dos dicionários. Krieger e Finatto (2004) explicam que a lexicografia é uma técnica de compor dicionários. Em acordo com essas definições, muitos estudiosos (i.e. HERNÁNDEZ, 1989; PONTES, 2009) enquadram a lexicografia dentro dos estudos que compreende a Linguística Aplicada, tendo em vista o entendimento de que essa se preocupa com os problemas teóricos e práticos que dão suporte à elaboração de dicionários. Não obstante as informações acima referidas, podemos afirmar que a lexicografia não está afiliada apenas à perspectiva prática, mas também se inscreve em uma vertente teórica. Assim, podendo ser dividida em Lexicografia Prática e a Lexicografia Teórica. Esta, também, conhecida como Metalexicografia.

A Lexicografia Prática, nas palavras de Pontes (2009, p. 20), define-se como uma disciplina que diz respeito ao fazer lexicográfico, à confecção de dicionários. Segundo o autor, graças às contribuições de novas disciplinas teóricas e tecnológicas, “os dicionários deixaram de ser essencialmente

normativos, para serem mais descritivos, preocupados com os usos da língua e com a educação linguística”.

A Lexicografia Teórica (LT) se concentra, primordialmente, na história da lexicografia, na teoria sobre a organização do trabalho lexicográfico, nos princípios da lexicografia monolíngue e plurilíngue, nos estudos críticos dos dicionários, nas reflexões sobre a tipologia dos dicionários, na teoria do texto lexicográfico e nas reflexões sobre a metodologia de elaboração do dicionário. Entretanto, para Sanromán (2000), a LT não está preocupada apenas com princípios teóricos e metodológicos sobre a elaboração das obras lexicográficas, mas sobre as características que regulam a estrutura e o comportamento linguístico ao ponto em que orientam e condicionam o trabalho do lexicógrafo. Para Pontes (2009, p. 20), a LT “serve de fundamento sólido para o fazer lexicográfico e para as discussões relativas à Lexicografia Aplicada, estudo sobre os dicionários em contexto escolar, sobre as atitudes e crenças dos alunos diante do dicionário”.

Adicionando-se a essas duas abordagens, Matínez de Sousa (2009) apresenta outros desdobramentos para a lexicografia, tais como a Lexicografia Linguística, que estuda e descreve o léxico de uma língua; a Lexicografia Enciclopédica, que compõe enciclopédias; a Lexicografia Dialetal, que estuda o regionalismo a partir da fala dos sujeitos; a Lexicografia Regional, que estuda o léxico que se fala em determinadas regiões; dentre outras.

Por sua vez, além desse dialogismo entre lexicografia e outras áreas/disciplinas, há o estudo lexicográfico que busca investigar os dicionários eletrônicos. Welker (2008) explica que comumente os dicionários eletrônicos podem referir-se àqueles usados no (a) processamento computacional da linguagem natural, (b) em CD-ROM, (c) *Online* e (c) portáteis. Assim, quando os pesquisadores se debruçam nesses estudos dificilmente trazem definições claras sobre a qual tipo estão se referindo.

Preferimos, por outro lado, seguir a organização de Lehr (1996), cuja divisão centra em dicionários *online* (DIC-ON) e dicionários *offline* (DIC-OFF).

Assim, os aspectos elencados por Welker, podem facilmente ser subdivididos nesses dois blocos. Logo, os dicionários portáteis pode ser *online* ou *offline*, a depender da conexão com a rede de internet. Isso mostra que cada tipo de repositório para dicionário pode exercer funções internas diferentes, a depender da conectividade em rede.

Ao que nos interessa, sobre os dicionários *online*, podemos afirmar que eles estão organizados em dois tipos. Storrer e Freese (1996) reclamam essa diferenciação. Para os autores, há os dicionários prontos e os dicionários em construção. Neste texto, preferimos adotar as seguintes terminologias e classificações:

- (i) Dicionários institucionais: são aqueles disponibilizados na internet por alguma editora ou instituição. Podendo ser a versão eletrônica do dicionário impresso ou uma versão construída especificamente a partir das vantagens das tecnologias digitais, sejam hipertextuais ou hipermediáticos.
- (ii) Dicionários em construção: são aqueles nos quais os editores e as instituição estão em fase de elaboração permanente ou os que estão sendo construídos colaborativamente por voluntários, podendo ser hipertextuais ou hipermediáticos.

A maior vantagem dos DIC-ON é que, conforme apontou Welker (2008), querendo-se consultar determinado lexema, digita-se a palavra – ou ela é escolhida numa lista alfabética de lemas – e imediatamente (depois de clicar) é mostrado o verbete. Ainda, segundo o autor, há outras possibilidades de buscas que não são possíveis em todos os dicionários:

- (01) O usuário não se lembra da palavra inteira; digitando só uma parte, recebe como resultado todos os lemas que contêm o grupo de letras digitado, o que talvez o ajude a se lembrar da palavra.
- (02) Esse modo de busca é especialmente útil em pesquisas linguísticas quando se quer obter todas as palavras que, por exemplo, têm determinado prefixo, sufixo ou radical.

- (03) Também muito útil para pesquisadores é a possibilidade de se obterem listas de palavras pertencentes a determinada classe gramatical ou marcadas diassistematicamente.
- (04) Há dicionários que acham o verbete correto mesmo que se grafe o lema de modo errado.
- (05) Muito importante é a possibilidade de o usuário encontrar determinado fraseologismo.
- (06) Uma outra facilidade de busca é o fato de haver links do verbete que se está consultando para outras informações, por exemplo, para outros dicionários, para abonações não arroladas no próprio verbete, para esclarecimentos gramaticais (por exemplo, tabela de conjugação), para lexemas semanticamente relacionados, para colocações.

(WELKER, 2008, p. 420)

Nesta senda, os verbetes pertencentes a essas duas classificações, conseqüentemente, tendem a apresentar microestrutura diferenciada. A medida das possibilidades que a rede permite. Imaginamos acessar um dicionário em CD-ROM, suas características podem ser muito aproximadas de um DIC-ON, porém ele não admite atualização, exigindo do consulente a aquisição de uma versão atualizada. Talvez, os verbetes de um DIC-OFF não apresentem o mesmo nível informacional de um conectado.

Para tanto, esses verbetes têm acrescido maior diversidade de modos semióticos em sua composição, tais como a inter-relação entre imagem, linguagem verbal, cor, som e tipografia diversa. Storrer (2001) ressaltou que a fonte dominante na mídia impressa pode, portanto, ser enriquecida apenas com imagens e gráficos. Porém, o *design* o verbete de um dicionário eletrônico implica entender conscientemente sobre um ou mais canais de informação, escrita, imagens, som ou vídeo, e tecer um conjunto de vários elementos, o da recepção na tela e, portanto, o da percepção holística entre os elementos do dicionário.

Vimos, então, como dicionários eletrônicos *online* possuem características peculiares comparados a dicionários impressos e mesmo a dicionários eletrônicos *offline*. Para entender melhor essa organização semiótica, a seção seguinte se ocupa em trazer algumas das concepções sobre as semioses.

## 2. Os modos semióticos: algumas considerações

Kress e van Leeuwen (2006) desenvolveram a Gramática do *Design* Visual (GDV), com metafunções para analisar as estruturas visuais em suas diversas relações imagéticas. Representações visuais que se realizam em vídeo e/ou em imagens estáticas que não receberam a devida atenção dos estudiosos das áreas que pesquisam a imagem ou a relação entre a imagem e o texto.

Pensando nisso, Kress (2011) afirmou que a diversidade de modos semióticos é a característica central da Teoria da Multimodalidade. Para ele

[...] a linguagem é apenas um entre os recursos para produzir sentido, e que todos esses recursos disponíveis em um grupo social e suas culturas em um momento particular devem ser considerados como constituindo um domínio coerente e um campo integral de recursos. No entanto tais recursos são distintos para produzir sentido, mas iguais potencialmente, em suas capacidades de contribuir na produção de sentido para uma entidade semiótica complexa, um texto ou um texto como entidade. (KRESS, 2011, p. 42)

Na citação, Kress nos explica que não se trata de exterminar a linguagem verbal, mas de considerar as outras modalidades juntas com a modalidade verbal. Isto é, o autor busca explicar que a multimodalidade é exatamente a interação da multiplicidade de modos semiótico.

Por sua vez, Kress (2011, p. 54) explica que os modos semióticos “são recursos socialmente e culturalmente construídos para produzir significado. A imagem estática, a escrita, o *layout*, a música, os gestos, a fala, as imagens em movimento e as trilhas sonoras são exemplos de modos” e constituem um conjunto de recursos semióticos.

Por sua vez, van Leeuwen (2005) ressalta que os recursos semióticos podem

[...] ser produzidos fisiologicamente, por exemplo, com nosso aparelho vocal, os músculos que usamos para realizar expressões faciais e gestuais, ou tecnologicamente, por exemplo, com a caneta e a tinta, ou

hardware e software. Recursos semióticos têm um significado potencial que se baseiam em seus usos anteriores [...]. (VAN LEEUWEN, 2005: 285)

O excerto destaca que os recursos semióticos podem ser produzidos por uma série de instrumentos, sejam eles fisiológico ou tecnológicos. Desse modo, desde a caneta e a tinta, o volume e o tom da voz, a nossa performance corporal, por exemplo, são recursos semióticos que podem ser mobilizados pelos usuários desses modos em situações de comunicação.

Desse modo, a produção dos sentidos dos sujeitos contemporâneos é construída e/ou remixada por sujeito críticos, atores sociais que desempenham papel fundamental na sociedade. Isso posto, a multimodalidade tem desenvolvido e exigido o desenvolvimento de uma metalinguagem capaz de atender as demandas dos textos da nova e da velha mídia.

A Gramática do *Design Visual* apresenta uma, das muitas, metalinguagem dividida em três estruturas básicas para descrever e interpretar a paisagem semiótica. Organizada em Metafunções, sendo elas denominadas de *Representacionais, Interativa e Composicional*.

Os significados **representacionais** são obtidos a partir dos participantes que são representados. Os participantes podem ser pessoas ou objetos “e suas relações no mundo exterior ao sistema representacional” (KRESS & VAN LEEUWEN, 2006, p. 40). Nelas, as imagens “apresentam desdobramentos e medidas transitórias espaciais e as que representam participantes estão em estado estático e atemporal” (KRESS & VAN LEEUWEN, 2006, p. 59).

A metafunção representacional pode ser subdividida em representações narrativas, que concebem os participantes conectados através de ações expressas por vetores, representações conceituais, que mostram os participantes de maneira estática sem a necessidade de vetores indicando ação.

Nosso foco se restringe apenas às representações conceituais, subdividida em: (01) *Classificacional*, quando um número indefinido de participantes estaria subordinado a outro, sendo chamado de superordinado,

sendo apresentados de forma simétrica, objetiva e, principalmente, observados como membros de um grupo particular. (02) *Analítico*, categoria que repousa sobre o aspecto da relação parte-todo. Podemos dizer que quando se refere ao todo, chama-se de portador, e quando faz referências às partes, chama-se de atributivo possessivo. (03) *Simbólico* é o significado intrínseco ou atribuído a um participante qualquer da imagem.

Em vista do objetivo deste texto e as limitações desse tipo de divulgação científica, optamos em discutir apenas o processo classificacional analítico, deixando para análises futuras os demais processos. Assim sendo, na próxima seção apresentamos a metodologia adotada para a seleção do nosso objeto de estudo.

### 3. Metodologia

O dicionário tomado para análise será o *Merriam-Webster: visual dictionary online*. Decidimos escolher esse dicionário pelo prestígio que possui e por ser a única obra, segundo nosso conhecimento, que possui a versão eletrônica de um dicionário especificamente visual e gratuita. Acreditamos, portanto, que um dicionário eletrônico pode contribuir com discussões sobre as definições das relações imagem-texto das entradas.

O *Visual Dictionary Online* (VDO) é um dicionário interativo com uma abordagem inovadora. A definição parte da imagem à palavra, por isso ele é referência de tipos de materiais para a consulta na modalidade tudo-em-um. O modo de consulta difere dos dicionários impressos: o consulente deve localizar a palavra e clicar nela para, em seguida, visualizar a imagem que ela representa e o seu significado. Também é possível ouvir o som do lexema escolhido. Além disso, o VDO pode ajudar a ensinar e aprender inglês de maneira visual e acessível, já que ele aparece como instrumento ideal para professores, pais, tradutores e estudantes de todos os níveis de habilidade.

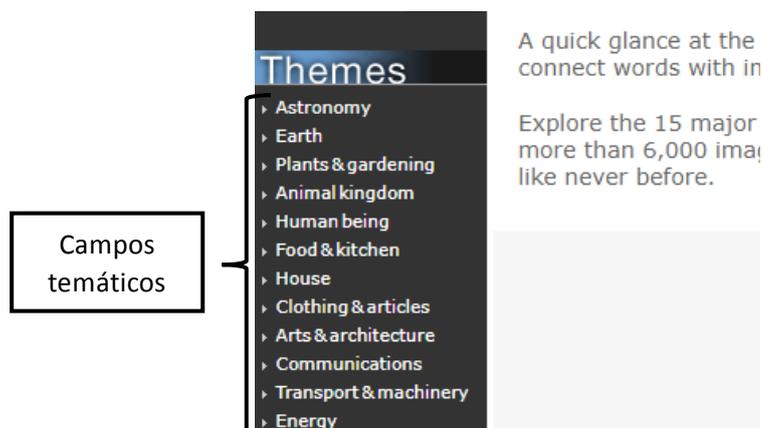
A estrutura do verbete segue a orientação onomasiológica, pois a forma de consulta de cada verbete segue padrões específicos a partir dos 15 campos temáticos. Desse modo, para compor o nosso *corpus* retiramos um verbete de cada campo temático, isto é, dos temas das informações macroestruturais, conforme a figura a seguir.

Figura 01: interface do dicionário



Fonte: visualdictionaryonline.com

Figura 02: Zoom



Fonte: visualdictionaryonline.com

Munidos de nosso objetivo, que é o de analisar as estruturas verbo-imagéticas do dicionário eletrônico, para a seleção do *corpus* elencamos os seguintes critérios: (i) o verbete lexicográfico precisa possuir tanto a sua definição na linguagem verbal, como sua representação visual, e (ii) como há, no mínimo, dois subcampos em cada campo temático e, em outros casos, até dezoito subcampos, para selecionar o *corpus*, escolhemos sempre o verbete do primeiro subcampo temático. Esses critérios se justificam exatamente pela finalidade do nosso trabalho, que objetiva examinar não apenas a imagem e não apenas o verbal, mas a sua sinergia na construção dos sentidos.

#### 4. O processo conceitual analítico no dicionário ilustrado

Nesta seção descrevemos os verbetes ilustrados quanto a outra forma de classificação das imagens. Trata-se do **processo conceitual analítico**, que entende os participantes relacionando-se por meio de ação em que a estrutura da imagem relaciona a parte e o todo. Nessa categoria, classificamos a imagem como **atributos possessivos**, que representa partes de um elemento maior, e como **portador**, que é o elemento maior, o todo. Ademais, a categoria nos permite especificar ainda mais, podendo ser dividida em **estruturadas**, quando há uma descrição sobre as partes, e **desestruturadas**, quando não há essa especificação sobre as partes.

Seguindo essa perspectiva, a partir deste ponto codificaremos o *corpus*. Assim, selecionamos três amostras, cada um dos verbetes selecionados receberá a indicação Verb, que corresponde a uma redução de verbete. Além de Verb, será acrescida a numeração do verbete mais a abreviação das iniciais das categorias de análise. Por exemplo, **Verb + numeração + categoria**. Desse modo, para analisar os processos conceituais (PC) o *corpus* será codificado como **Verb01PC**

Iniciando nossas análises, para entender a organização dessa estruturação visual, primeiramente, descrevemos que o verbete. O primeiro

verbeta é *antilock braking system* (sistema de travagem antibloqueio, mais conhecido no Brasil como sistema de freios ABS), verbete parte do campo temático *Transport & machinery* (transporte e maquinaria), do subcampo temático *Road Transport* (transporte rodoviário) e da entrada *brakes* (freios). A definição verbal do verbete é: “Dispositivo eletrônico que controla a pressão hidráulica no circuito de frenagem para impedir que as rodas travem.”

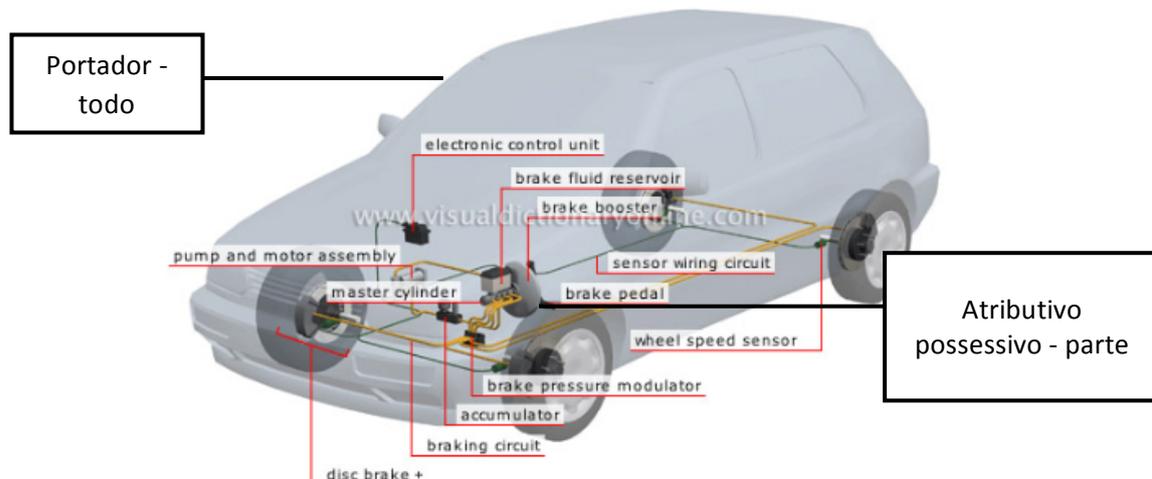
A definição de ABS, a partir do ponto de vista imagético, apresenta a estrutura do sistema de freios no veículo. A imagem de um carro em formato de sombra é estruturada para ilustrar como funciona exatamente o sistema eletrônico de frenagem. Assim, percebemos que o sistema ABS aparece na parte inferior do carro, fazendo ligações com as quatro rodas e com o pedal de freios. Verb01PC mostra:

### Verb01PC: freios ABS

HOME :: TRANSPORT & MACHINERY :: ROAD TRANSPORT :: BRAKES :: ANTILOCK BRAKING SYSTEM (ABS) [Blog this](#)

#### antilock braking system (ABS)

Electronic device controlling the hydraulic pressure in the braking circuit, to prevent the wheels from locking.



Fonte: [visualdictionaryonline.com](http://visualdictionaryonline.com)

Depreendemos que a definição imagética pode ser classificada como processo conceitual analítico, tendo em vista que, na exposição de Ver01PC, o

sistema de freios é elemento **parte** que compõe o **todo** representado na figura de modo sombreado. Desse modo, **parte** é o freio ABS, enquanto **todo** é o sombreado do carro. Nessa mesma interpretação, podemos identificar esses elementos como **atributivo possessivo** e **portador**. O sistema de freio ABS é configurado como **atributivo possessivo** e o sombreado do carro é identificado como **portador**. Ainda, cumpre categorizá-lo como **estruturado**, dado que apresenta rotulagem às descrições do sistema de frenagem.

A partir desse entendimento, construímos a ideia de que o verbete e as definições verbo-imagéticas encontram-se semanticamente estruturados a fim de promover um sentido coerente à entrada que fruto da consulta. A imagem, portanto, parece colaborar com a compreensão de quem sequer ouviu falar no que seria esse sistema de freios.

Um outro verbete que apresentou as mesmas características que se enquadra no processo conceitual analítico foi o verbete *pistol* (pistola). Este verbete está inscrito no campo temático *Society* (sociedade) e no subcampo temático *weapons* (armas). A definição verbal é: “Pistola curta que é segurada com a mão; ela é carregada com um pente (carregador) que é colocado dentro da coronha”.

Por sua vez, a definição imagética representa os elementos que compõem a *pistol*, aparentemente, em sinergia com a definição verbal. Registramos que, na amostra Verb02PC, existe a representação da própria pistola e de outros artefatos que são indispensáveis para o funcionamento da pistola, que é a *magazine* (pode ser traduzido como pente ou carregador) e o *cartridge* (cartucho).

*Pistol*, então, pode ser classificada como processo conceitual analítico, em razão da relação coerente que se estabelece entre *magazine* e *cartridge* com o elemento *pistol*. Nesse horizonte, enunciamos que *magazine* e *cartridge* são dados que recebem o nome de **atributivo possessivo**, que também pode ser considerado **parte**. Por sua vez, o lexema *pistol* ganha classificação de **portador**, isto é, o **todo** da imagem.

## Verb02PC: freios ABS

**pistol**  
 Short light handgun that is held in one hand; it is loaded with a magazine inside the butt.



Fonte: [visualdictionaryonline.com](http://visualdictionaryonline.com)

Ainda nessa mesma configuração, percebemos que a definição visual pode receber a classificação de **estruturado**, pois há uma organização que rotula e descreve tanto o portador como os atributivos possessivos.

Nesse sentido, a configuração remontada para o verbete *pistol* apresenta sinergia na relação entre os elementos verbo-imagéticos, pois tanto a entrada como suas definições verbais e imagéticas exercem função vantajosa para sujeitos que não possuem conhecimento desse tipo de objeto. Assim, a classificação analítica parece satisfatória para a compreensão do verbete em destaque.

Por fim, o último verbete que apresentou a categoria do processo conceitual analítico é o verbete *Boxer* (pugilista ou boxeador), que é parte do campo temático *sports & games* (esportes e jogos), do subcampo *combat sports* (esportes de combate) e da entrada *boxing* (boxe). A definição verbal do verbete é fixada como: “Atleta que pratica boxe; boxeadores são classificados em categorias de peso.”

Por sua vez, a definição imagética mostra a representação do pugilista equipado com material específico do esporte, além de partes desse material no lado direito da imagem. O que percebemos é que a imagem mais evidente

parece ser a do pugilista, em contraparte com os equipamentos em destaque. Esses artefatos apresentam definições específicas que se desdobram em novos verbetes, cujas definições são passíveis de serem visualizadas a partir de remissões. São eles: *boxing gloves* (luvas de boxe), *mouthpiece* (protetor bucal), *bandage* (bandagem) e *protective cup* (protetor).

### Veb03PC: Boxe



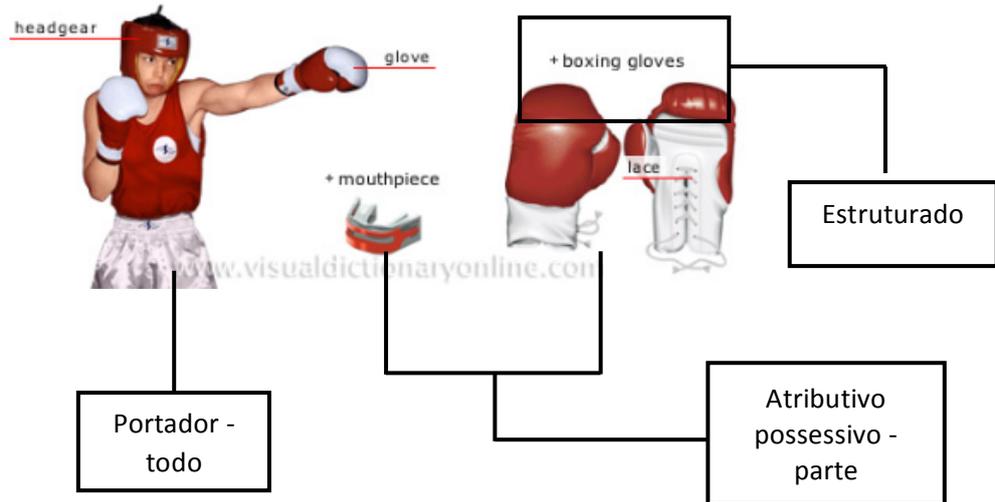
Fonte: visualdictionaryonline.com

A classificação desse verbete o enquadra, conforme mencionado anteriormente, como conceitual analítico. Isso porque, a medida em que observamos, uma relação de dependência se estabelece entre o pugilista e o equipamento de uso. Desse modo, *boxer* é considerado o **todo**, enquanto *boxing gloves*, *mouthpiece*, *bandage* e *protective cup* podem ser considerados **parte**, por serem material que compõe o exercício do boxeador.

### Verb03PC: ampliação boxe

**boxer**

Athlete who practices boxing; boxers are classified into weight categories.



Por esse mesmo ângulo, definimos que *boxing gloves*, *mouthpiece*, *bandage* e *protective cup* são elementos **atributivos possessivos** do pugilista, que é chamado de **portador**. Também é importante destacar que essa definição apresenta-se como uma categoria **estruturada**, tendo em vista a apresentação de uma etiqueta descrevendo cada parte do portador e dos atributivos possessivos.

#### 4. Conclusões

Discutimos, neste artigo, os elementos internos acerca da organização composicional de verbetes eletrônicos *online* visuais, mas, especificamente, sobre a microestrutura quem compõe o todo produtor significativo da entrada de um dicionário. Para isso, embasamo-nos em investigações acerca da metalexigrafia eletrônica e sobre a multimodalidade. A primeira, amparada em Pontes (2009) e Welker (2004), e a segunda, especificamente, na Gramática do *Design* Visual, de Kress e van Leeuwen (2006) e seus comentadores.

Para tanto, os resultados evidenciados destacam que a definição verbal e a definição imagética apresentam relação de coesão e coerência intersemiótica indispensável para a construção do sentido do verbete. Isso nos faz pensar que as representações conceituais analíticas, da Gramática do *Design Visual*, apresenta-se como função importante para o consulente, por se dispor a apresentar de forma sistemática os elementos verbo-imagéticos e seus componetes fundamentais. Mais importante ainda para o lexicógrafo, que precisa compreender esse tipo de organização, para produzir dicionários que atendam as expectativas dos consulentes desses novos tempo.

Os resultados mostraram, portanto, que fazer esse tipo de investigação é importante, principalmente por revelar aspectos ainda pouco explorados para a construção de dicionários ilustrados. Assim pensamos que a discussão que se estabelecemos entre multimodalidade e lexicografia é muito rica, precisa e deve ser estudada.

## Referências

ARAÚJO, E. M. V. M. *Descrição e avaliação de um quicktionary bilíngue offline usado na aprendizagem de língua inglesa*. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada) Universidade Estadual do Ceará. 380 f. 2018.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 13-22.

BIDERMAN, M. T. C. A ciência da lexicografia. *Alfa* 28 (Supl.) p. 01-26. 1984.

HERNÁNDEZ, H. *Los diccionarios de orientación escolar: contribución al estudio de la lexicografía monolingüe española*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1989.

KRESS, G.; van LEEUWEN, T. *Reading Images: the grammar of visual design*. 2. ed. London and New York: Routledge, [1996] 2006.

KRESS, G.; 'Partnerships in research': multimodality and ethnography. In: *Qualitative Research*. London: June, 2011.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

MARTINEZ DE SOUSA, J. *Diccionario de Lexicografía práctica*. Barcelona: Bibliograf, 1995.

NASCIMENTO, F. I. *Lexicografia e Semiótica Social: uma análise da representação, da composição visual, e das relações texto-imagem nos dicionários escalates tipo 2*. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada) Universidade Estadual do Ceará. 396 f. 2018.

PONTES, A. L. *Dicionário para uso escolar: o que é, como se lê*. Fortaleza: Ed. UECE, 2009.

SANROMÁN, I. A. *A unidade lexicográfica: palavras, colocações, frasesmas, pragmatemas*. Braga, 2000. 441 f. Dissertação (Doutoramento em Ciências da Linguagem) - Linguística Aplicada, Universidade do Minho, Braga, 2000.

STORRER, A. Digitale Wörterbücher als Hypertexte: zur Nutzung des Hypertextkonzepts in der Lexikographie. In: LEMBERG, I.; SCHRÖDER, B.; STORRER, A. *Chancen und Perspektiven Computerunterstützter Lexikographie*. Tübingen, 2001. p. 87-104.

STORRER, A. & FREESE, K. x. Wörterbücher im Internet. *Deutsche Sprache* 24: 97-154, 1996.

LEHR, A. *Zur neuen Lexicographia-Rubrik* "Electronic Dictionaries". *Lexicographica*, v. 12, p. 310- 317, 1996.

VAN LEEUWEN, T. *Introducing Social Semiotics*. London and New York: Routledge, 2005.

WELKER, H. A. *Panorama geral da lexicografia pedagógica*. Brasília: Thesaurus, 2008.